

Filme sobre césio-137 é premiado na Alemanha

Em Berlim, Uranium Film Festival premia curta sobre maior acidente radiológico do mundo, registrado em Goiânia, há 30 anos. Após festival, exposição de fotos históricas vai rodar o país.



Morador de Goiânia, o diretor de arte Benedito Ferreira transformou tabu em curta: "Algo que fica"

Há dois anos, o diretor de arte Benedito Ferreira saiu em busca de um fantasma que assombrava a sua vizinhança: a história da contaminação e mortes provocadas pelo elemento radioativo césio-137, classificado como o [maior acidente radiológico](#) do mundo, há 30 anos.

Morador da região central de Goiânia, o diretor de arte transformou o tabu no curta *Algo que fica*, premiado neste domingo (15/11) no encerramento da sexta edição do Uranium Film Festival, em Berlim.

"As pessoas em Goiânia não falam sobre isso", diz Ferreira. "O filme é de ficção, feito para ser como uma provocação, para que as pessoas, depois de assistir, saiam em busca de mais informação".

A história mostra jovens preparando a inauguração de um museu em memória das vítimas no local onde a cápsula com o elemento radioativo foi aberta, na rua 57. Em paralelo, a rotina de um idoso doente é apresentada ao espectador.

Iniciado no Brasil há sete anos, o festival de cinema chama a atenção para os riscos da cadeia nuclear – um assunto que tem ocupado as manchetes recentemente impulsionado pela troca de ameaças entre Estados Unidos e Coreia do Norte.

"A intenção do festival é educar, informar, dar voz para assuntos e pessoas esquecidos e que, de alguma maneira, foram afetadas pela questão nuclear", afirma Norbert G. Suchanek, fundador e diretor. "Nós vivemos numa era atômica. E acreditamos que a arte é uma forma eficiente de abordar essa discussão", complementa Márcia Gomes, cofundadora.

O francês Larbi Benchiha também foi premiado, por seu documentário *Bons Baisers de Moruroa*, que relata o impacto dos testes com bombas nucleares conduzidos pelo governo da França no Atol Moruroa – antiga colônia francesa – no Pacífico.

Cinema e exposição itinerante

Odesson Alves Ferreira, sobrevivente e membro da diretoria da Associação de Vítimas do Césio-137, participou do festival em Berlim. A história dele é contada em fotos na exposição que acompanhou as sessões, muitas vezes seguidas por debates com o público.

"As pessoas me fazem perguntas curiosas, querem saber por que toquei no césio, por exemplo", conta sobre a interação com os alemães. "É importante estar aqui para contar uma história triste que não pode ser esquecida", comentou sobre a ida a Berlim, seu primeiro voo internacional.

A exposição menciona a visita a Goiânia de Winfried Koelzer, físico alemão do Centro de Pesquisa Karlsruhe. Segundo reportagem do *New York Times* publicada em 1987, Koelzer sugeriu que o governo usasse robôs no trabalho de descontaminação devido ao nível de radiação.

Odesson Alves Ferreira, que encontrou o pesquisador em diversas ocasiões naquela época, diz que as sugestões de Koelzer nunca foram postas em práticas e que ele foi convidado a se retirar do Brasil pelas autoridades.



Odesson: história contada em fotos na exposição que acompanhou as sessões do festival

As fotos organizadas pelos curadores do festival irão viajar pela Alemanha numa exposição itinerante e devem passar por escolas, universidades e institutos.

Dentre os 28 filmes apresentados, o documentário *Cesium I blodet*, do sueco Lars Westman, foi exibido pela primeira vez na Alemanha. O jornalista, que chegou a Goiânia logo após o reconhecimento oficial do acidente radiativo, reuniu imagens impressionantes dos trabalhos de descontaminação e das vítimas.

Westman refez as entrevistas três e 15 anos após a catástrofe, colheu depoimentos de Devair Alves Ferreira e Ivo Alves Ferreira, irmãos de Odesson. Ivo era pai da menina Leide das Neves, a primeira a morrer. Dias depois da última gravação, ele faleceu.

O filme, de 70 minutos, ficou pronto em 2009. Segundo o diretor do festival, nenhum canal de televisão – no Brasil ou na Suécia – quis exibir o material.

Problema global

Na plateia, Sebastian Pflugbeil, presidente da Sociedade Alemã para Proteção contra Radiação, veio em busca de mais detalhes da tragédia brasileira. "Acredito que esse caso do césio 137 não é conhecido na Alemanha", opina.

Segundo o físico, a sociedade foi fundada após o acidente nuclear de Chernobyl, em 1986, e atuou para que os riscos nunca sejam ignorados por empresas que atuam no setor e pelo governo. "Tantos anos se passaram, mas algo não muda: não se pode parar uma fonte de radiação", comenta.

Criado na antiga Alemanha Oriental, onde estudou física e se tornou um dos raros especialistas no assunto naquela parte do país, Pflugbeil acredita que descaso e demora de governos em reconhecer vítimas da radiação – como relatado por Odesson Alves Ferreira – não é algo exclusivo do Brasil.

"Os trabalhadores das usinas de urânio da antiga Alemanha Oriental continuam brigando até hoje para que sejam reconhecidos como vítimas. Eles têm muitas doenças e tipos de câncer que, até hoje, não foram reconhecidos pelas autoridades como associados ao trabalho na mina de urânio", comenta Pflugbeil sobre casos registrados na Saxônia e na Turíngia.



CRONOLOGIA DO ACIDENTE COM CÉSIO-137 EM GOIÂNIA

O começo nas ruínas

As versões sobre o acidente têm algumas variações. Segundo relatos e um relatório da Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA), dois catadores encontraram em setembro de 1987 um aparelho usado em radioterapia abandonado desde 1985 no antigo prédio do Instituto Goiano de Radioterapia. Sem saber do perigo, Wagner Pereira e Roberto Alves levam o objeto na esperança de ganhar algum dinheiro.

LEIA MAIS

» [Trinta anos após o pior acidente radiológico da história](#)

Acidente com material radioativo Césio-137 foi o mais grave já registrado pela Agência Internacional de Energia Atômica. Vítimas em Goiânia sofrem até hoje os efeitos da contaminação – e da discriminação. (13.09.2017)

» [Cronologia do acidente com Césio-137 em Goiânia](#)

Pior acidente radiológico da história deixou 249 pessoas com contaminação significativa e seis mil toneladas de lixo radioativo. Veja a cronologia do caso, cujos resíduos ainda emitirão radiação pelos próximos 300 anos. (12.09.2017) 

Data 16.10.2017

Autoria Nádia Pontes (de Berlim)

Assuntos relacionados [Marlene Dietrich](#), [Johanna Wokalek](#), [Hannelore Elsner](#), [Audrey Tautou](#), [Catherine Deneuve](#), [Jeanne Moreau](#), [Brigitte Bardot](#), [Juliette Binoche](#), [Marion Cotillard](#), [Léa Seydoux](#)

Palavras-chave [césio 137](#), [cinema](#)

Compartilhar  [Enviar](#)  [Facebook](#)  [Twitter](#)  [google+](#)  [Mais](#)

Feedback : [Envie seu comentário!](#)

Imprimir  [Imprimir a página](#)

Link permanente <http://p.dw.com/p/2lt8Z>

MAIS DA MESMA EDITORIA



O diário de Anne Frank em



Coliseu reabre "ala dos




Camarote.21 - Edição de

quadrinhos 19.10.2017

Um dos livros mais lidos mundo afora ganha agora versão em graphic novel. Adaptação do cineasta Ari Folman e do ilustrador David Polonsky já foi publicada no Brasil, e em 2019 deve chegar ao cinema.

plebeus" para visitaçã

18.10.2017

Após 40 anos, visitantes do coliseu voltam a ter acesso à área onde ficavam os plebeus. O nível superior da arena foi reaberto ao público. 

18/10 18.10.2017

Uma viagem gastronômica por Berlim: o Camarote.21 desvenda as cozinhas do mundo na capital alemã. 